



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

PERCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE O TRABALHO: UM DIÁLOGO ENTRE HANNAH ARENDT E ZIGMUNT BAUMAN

Jandir Silva dos Santos*
(IFNSV)

Elton Moreira Quadros**
(FJT)

RESUMO

Apresentar uma reflexão sobre a questão do trabalho a partir de uma abordagem filosófica, mostrando a sua significação para o indivíduo e a sociedade contemporânea, consiste no objetivo principal desse artigo. Analisa-se, especialmente, o estudo de dois pensadores, Hannah Arendt e Zygmunt Bauman, em suas respectivas obras, *A condição humana* (1958) e *Modernidade líquida* (2000), levantando as características que norteiam o pensamento desses autores sobre a atividade de produção humana e os impactos causados na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Modernidade, Trabalho.

INTRODUÇÃO

Ao se elaborar pensamentos sobre a vida social ou mesmo ao debruçar-se sobre questões antropológicas, a atividade produtiva humana aparece como fator

* Discente do curso de Filosofia do Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV) e membro do grupo de pesquisa NUVIP – Núcleo Avançado de Estudos da Contemporaneidade. E-mail: jandirabm@hotmail.com.

** Especialista, professor na FJT, no Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNSV) e substituto na UESB, membro do grupo de pesquisa NUVIP – Núcleo Avançado de Estudos da Contemporaneidade. Email: eltonquadros@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

considerável uma vez que essa está intrinsecamente ligada à política. Pensar as estruturas que norteiam a atividade humana e o que elas representam socialmente constitui uma chave importante para compreender o tempo em que se vive.

Foi justamente isso que Hannah Arendt e Zigmunt Bauman se propuseram: compreender o seu tempo. Com esse anseio desenvolveram estudos significativos sobre a sociedade e a política. E como constituinte importante de reflexão, abordaram também a questão do trabalho.

Ambos percebem um evidente rompimento com a concepção de trabalho presente na modernidade, ao presenciarem, cada qual em seu tempo, o surgimento e consolidação de uma sociedade de consumo. A partir da situação atual do trabalho, analisada por esses dois pensadores, é possível realizar uma análise do tempo em que vivemos em suas conjunturas sociais.

O Work em Hannah Arendt

Hannah Arendt é uma filósofa alemã do século XX. Sua origem judia, sua nacionalidade alemã e as marcas históricas do seu tempo, juntamente com a sua elevada formação filosófica, proporcionaram-lhe um pensamento marcante sobre a questão política. Sua crítica refere-se principalmente ao totalitarismo e à perda do significado político das democracias. Nessas duas estruturas políticas, Arendt percebe o enfraquecimento do espaço público (action), constitutivo máximo de sua filosofia política. É comum, por isso, a retomada pela autora de ideais greco-romanos. Remo Bodei, filósofo italiano, chega inclusive a relacionar a filosofia da autora com o pensamento de Cícero (106 a.C. à 43 a.C.):

ao reivindicar o papel da política, Hannah Arendt recupera a tradição do pensamento ciceroniano, que punha a *vita activa* até mesmo acima da vida contemplativa, tanto que os romanos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

empregavam como sinônimos 'viver' e 'ser' entre os homens (inter homines esse). Se a política é, pois, inter homines esse, a sua essência descobre-se justamente nesse "entre", no otimizar a relação recíproca dos indivíduos e grupos tendo interesses e projetos diferentes. (2000, p. 238)

Na obra *A Condição Humana*, a grande novidade de Arendt consiste em apresentar uma categorização da atividade humana (*vita activa*) em três grupos, distinguindo desta forma a ação humana (1) voltada à manutenção biológica do corpo; (2) voltada à produção de objetos artificiais; e (3) voltada à ação plural da arte do discurso. Essas categorias receberam respectivamente os nomes LABOR, WORK e ACTION.

Contudo, o estudo do conceito de Trabalho nessa obra de Hannah Arendt, torna-se confuso por equívocos de tradução presentes na edição brasileira, conforme alerta-nos Theresa Calvet de Magalhães. Segundo a pesquisadora:

Ao traduzir por labor e trabalho (?) a distinção proposta por Arendt entre trabalho (*labor*; *Arbeit*) e obra ou fabricação (*work*; *Werk* ou das *Herstellen*), Roberto Raposo deturpa o sentido desta distinção e o leitor inevitavelmente ficará confuso ao abordar em particular o terceiro e o quarto capítulos desta obra. Fica difícil compreender toda a polêmica antimoderna de Arendt, sua crítica ao conceito de trabalho (*Arbeit*) em Marx e à importância atribuída, na era moderna, ao conceito de trabalho produtivo (*productive labor*). (MAGALHÃES, 2006, p. 6)⁴²¹.

⁴²¹ E continua: "Em nenhum momento, no original inglês, encontramos a expressão *productive work* quando Arendt se refere a Adam Smith e a Karl Marx, mas sempre *productive labor*. Ao traduzir '*labor*' ou '*Arbeit*' por *labor*, e '*work*' ou '*Werk*' por *trabalho* – uma tradução não apenas infeliz, mas incorreta – Roberto Raposo ficou sem saber como traduzir a expressão '*productive labor*' e preferiu traduzi-la por *trabalho produtivo*, mas, uma vez que ele próprio convencionou traduzir '*work*' por *trabalho* (quando deveria ter traduzido esse termo por obra ou fabricação), o leitor fica aqui sem saber se Hannah Arendt, ao usar essa expressão, está se referindo à sua própria concepção do trabalho (*labor* ou *Arbeit*) ou à sua concepção da obra (*work* ou *Werk*). Do mesmo modo, em nenhum momento Arendt traduz a noção de 'processo de trabalho'. (*Arbeits-Prozess*) em Marx por *work-process*, mas sempre por *labor-process*. O tradutor, que decidiu traduzir '*labor*' por *labor*, não ousou traduzir '*labor-process*' por *processo de labor* e preferiu (sua escolha está correta) a expressão 'processo de trabalho'. Tendo intitulado o terceiro capítulo (*Labor*, na versão Original) 'Labor', o leitor fica sem saber o que todas estas referências a trabalho (que significa para o tradutor o que Arendt chamou de obra ou fabricação) querem dizer, neste capítulo. Tanto a segunda divisão do terceiro capítulo, '*The Thing-Character of the World*', como também a primeira divisão do quarto capítulo (*Work*, na edição original), '*The Durability of the World*', e

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Esclarecido isto e levando-se em consideração o objetivo do presente estudo de analisar o trabalho enquanto modo de produção (fabricação) retornaremos, portanto, para a análise do que Arendt chama de work buscando entender as considerações que a autora faz dessa atividade humana.

Conceituando o trabalho, a Hannah Arendt afirma que:

o trabalho [work] é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana, existência esta não necessariamente contida no eterno ciclo vital da espécie, e cuja mortalidade não é compensada por este último. O trabalho produz um mundo artificial de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras habita cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas as vidas individuais. A condição humana do trabalho é a mundanidade. (ARENDT, 2007, p. 15)

Na Grécia antiga a produção era considerada uma atividade inferior, dirigida aos escravos, da qual não podiam se ocupar os cidadãos políticos (valorização do otium). A ágora, de igual modo, não se rebaixava à discussão dessas ações. Tem-se, portanto na sociedade, o trabalho como algo privado pertencente à vida familiar.⁴²²

Essa característica viu-se modificada com a modernidade. A dessacralização da natureza e a mecanização do mundo fizeram o zoon politikón tornar-se homo faber, aquele que “faz e, literalmente, trabalha sobre os materiais” (ARENDT, 2007, p. 149). Com a revolução industrial e a consolidação do capitalismo, na análise de

a segunda divisão desse mesmo capítulo, ‘*Reification*’, ficam bastante prejudicadas com esta tradução e suas constantes confusões entre duas atividades que estão claramente definidas e separadas na edição original desta obra. A última divisão do quarto capítulo intitula-se ‘*The Permanence of the World and the Work of Art*’ (a tradução de Raposo: ‘A permanência do mundo e a obra de arte’). Ora, Raposo traduziu ‘*work of art*’ por obra de arte e não por ‘*trabalho de arte*’, e o leitor inevitavelmente ficará perplexo ao encontrar essa divisão num capítulo intitulado pelo próprio tradutor “Trabalho”.

⁴²² Daí o sentido etimológico da palavra Economia (oikos + nomos) em que oikos = **casa ou lar**.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Arendt, se inicia um novo processo, a modernidade não ocultava o produzir: o trabalho deixou de ser algo privado para tornar-se atividade pública e o logradouro público, a ágora, deixa de ser lugar de encontro para os cidadãos e torna-se mercado no qual os artífices podiam exhibir e trocar produtos.

A principal atividade do homo faber é a reificação. Por essa atividade o homem começa a produzir objetos para o uso e esses constituem o seu universo, o seu mundo. Arendt não faz um juízo negativo da fabricação, mas reconhece que

A obra de nossas mãos, distintamente do trabalho de nossos corpos, fabrica a mera variedade infinita das coisas cuja soma total constitui o artifício humano, o mundo em que vivemos. Tais coisas não são bens de consumo, mas objetos de uso, e o seu uso adequado não causa seu desaparecimento. Elas dão ao mundo a estabilidade e a solidez sem as quais não se poderia contar com ele para abrigar a criatura mortal e instável que é o homem. (ARENDR, 2005, p. 183)

No entanto, ela critica a visão moderna que exagera na crença do poder fabril do homem atribuindo a ele, por essa capacidade, o poder de transformar a história, conduzindo a humanidade ao progresso.

Para Arendt, essa tarefa não é obra do homo faber, mas é fruto da ação (action), da capacidade humana de viver o discurso, a pluralidade, tal como na democracia grega. A substituição da ação pelo fazer constitui um dos perigos da sociedade, para a filósofa, pois, nem o trabalho, nem a obra conseguem abrir um espaço para a pluralidade humana.

No entanto, um segundo movimento é percebido pela autora em sua análise do trabalho: “a atividade e os ideais do homo faber, enaltecidos nos primórdios da era moderna, haviam cedido lugar, no limiar do mundo moderno, para a atividade e os ideais do animal laborans” (WAGNER, 2002, p. 102).

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Segundo a filósofa, a atividade do homo faber possuía, seja no artesanato grego, seja na produção ocorrida em manufaturas no começo da modernidade, um início e um fim determinado e possuía um fruto durável – a obra – enquanto utensílio para o uso ou objeto de contemplação. A revolução industrial com seu novo modo de produção, provoca alterações nas estruturas da atividade do trabalho. O operário já não mais faz o produto, considerado como todo, mas simplesmente repete exaustivamente uma determinada função. Além do mais, o produto da indústria nascente tornou-se produto voltado para o consumo, e não para a durabilidade.

Desse modo, Wagner (2002, p.103) conclui:

como resultado dessas transformações, o princípio de utilidade perdeu o seu lugar para o princípio da felicidade: a produção de objetos úteis e duráveis, excetuando-se aqueles que são úteis à produção - as máquinas e os instrumentos – foi substituída pela produção de coisas destinadas à alegria no consumo e à amenização da dor de produzir [...]. Os ideais do homo faber foram substituídos pelos ideais do animal laborans, de modo que o referencial deixou de ser o homem – que se encontra no centro do utilitarismo – e passou a ser a vida.

Portanto, na análise de Arendt, o trabalho na contemporaneidade alcança uma nova forma apresentando-se tal como uma atividade de labor, isto é, como atividade repetitiva, exaustiva e voltada meramente à manutenção da vida. O homo faber vai se transformando em animal laborans, uma vez que o trabalho e os seus artefatos desfigurados já não podem mais garantir-lhe a durabilidade e a permanência próprias dessa atividade.

O Trabalho na Modernidade Líquida

Zigmunt Bauman, sociólogo polonês, é um dos principais pensadores da atualidade. Em seus estudos, ocupou-se principalmente do diagnóstico da



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

contemporaneidade. Caracteriza, através do adjetivo “líquido”, as diversas dimensões da sociedade e o tempo pós-moderno, para destacar a velocidade das mudanças que ocorrem instantaneamente na sociedade e a falta de fundamentos que poderiam garantir uma estabilidade, uma vez que a, por ele chamada Modernidade líquida, não se opera inteiramente pelos mesmos princípios da modernidade, por ele considerada sólida, que tinha o seu fundamento e pretensão no racionalismo, na ideia de que razão seria o grande esteio de todos os problemas.

Uma de suas principais obras é Modernidade Líquida. Nesse escrito o autor analisa a história da modernidade em dois períodos: a modernidade sólida – tempo das grandes teorias, grandes fundamentos, da confiança na razão fonte de progresso para humanidade; e a modernidade líquida – marcada pela pulverização desses antigos ideais, pela mudança, pela afirmação do indivíduo e do consumo.

Um dos capítulos dessa obra de Bauman é dedicado à análise do Trabalho. Como em toda obra, ele parte da grande ruptura de atitudes que marcam a passagem da modernidade sólida para a líquida. Dessa forma, o trabalho na modernidade sólida é caracterizada pelo sociólogo como um período de utopias e esperança. Nas palavras do autor:

O futuro era visto como os demais produtos nessa sociedade de produtores: alguma coisa a ser pensada, projetada e acompanhada em seu processo de produção. O futuro era a criação do trabalho e o trabalho era a fonte de toda criação. (BAUMAN, 2001, p. 151)

Bauman prossegue afirmando que “ao trabalho foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos como, por exemplo, o aumento da riqueza e eliminação da miséria” (BAUMAN, 2001, p. 157). A metáfora usada pelo autor é a indústria fordista, na qual a atividade humana coletivizada e organizada leva ao aumento da eficiência da fábrica.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Partindo dessa visão, percebe-se que o trabalho tornava-se o “eixo seguro” produtor do progresso da humanidade. Para o sociólogo, o trabalho na modernidade sólida era também definido como esforço coletivo em que cada membro da espécie humana havia de participar.

Contudo, a própria história encarregou-se de mostrar os equívocos dessa concepção. O século XX, com suas barbáries, evidencia que os esforços da modernidade não levaram ao fim esperado. A esperança depositada na história pelo homem, não sendo correspondida, deu margem à busca de uma satisfação no presente e a ação humana, nesse contexto, nada mais era do que uma aposta, um jogo de azar em que, obviamente, reina o acaso.

O trabalho escorregou do universo da construção da ordem e controle do futuro em direção do reino do jogo; atos de trabalho mais se parecem mais com as estratégias de um jogador que se põe modestos objetivos de curto prazo, não antecipando mais que um ou dois movimentos. O que conta são os efeitos imediatos de cada movimento; os efeitos devem ser passíveis de ser consumido no ato. (BAUMAN, 2001, p. 159)

Se, como afirma Bauman, “a incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora” (2000, p. 170), na modernidade líquida a sociedade passou a experimentar a desconstrução da concepção coletiva de produção. No jogo de azar do mercado de trabalho joga-se sozinho e espera-se os benefícios em satisfação pessoal, geralmente entendida como possibilidade de consumir. E como a satisfação se dá pelo consumo, não se pode esperar que o produto do trabalho venha a longo prazo, mas pelo contrário, a visão de satisfação que se tem é imediatista.

Portanto, o autor entende que

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Num mundo em que o futuro é, na melhor das hipóteses, sombrio e nebuloso, porém mais provavelmente cheio de riscos e perigos, colocar-se objetivos distantes, abandonar o interesse privado para aumentar o poder do grupo e sacrificar o presente em nome de uma felicidade futura não parecem uma proposição atraente, ou mesmo razoável. Qualquer oportunidade que não for aproveitada aqui e agora é uma oportunidade perdida (BAUMAN, 2001, p. 186)

Nesse cenário apresentado, as relações sociais humanas apresentam-se como fluidez, pois, a busca da satisfação imediata exclui laços duradouros entre os homens. Daí a constatação feita por Bauman da substituição do casamento – entendido enquanto relação durável e estável – pela coabitação, que não exige compromissos duráveis. A mesma análise é aplicada ao trabalho, pois, nesse sentido “o emprego parece um acampamento que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento” (BAUMAN, 2001, p. 171).

Na modernidade líquida, ao contrário do observável na chamada modernidade sólida, o trabalho e as certezas provenientes do seu status tornam-se transitórias e inconsistentes. [...]. Nesse sentido, para ele [Bauman], o trabalho passou do universo da constituição da ordem e do controle do futuro ao reino do jogo. Metaforicamente, hoje em dia, a relação do indivíduo com o seu trabalho é semelhante às estratégias de um jogador que busca um modesto objetivo de curto prazo, temendo o insucesso e a perda total das possibilidades de continuar jogando. Desse modo, [...] para Bauman, os trabalhadores, órfãos das certezas do trabalho da era do capitalismo industrial, entram na fase da incerteza do trabalho flexível, em que as possibilidades vitalícias se extinguem de maneira irreversível e o trabalho na indústria não é mais garantia de futuro seguro. (CHAVES, 2006, p. 137)

Portanto, o estudo de Bauman permite-nos uma análise social do trabalho em que se evidencia o caráter individualista e imediatista do homem pós-moderno apresentada sobretudo no consumo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Arendt e Bauman: um Diálogo em Vista

Observando separadamente a obra de cada um desses autores e considerando a área de formação de cada um e os 42 anos que distanciam as obras analisadas nesse trabalho, é possível enganar-se quanto a relação que se pode elaborar entre esses dois escritos. Hannah Arendt, nos seus estudos da contemporaneidade, antecipa muitos elementos apresentados por Bauman em *Modernidade Líquida*.

Percebe-se que o estudo dos dois autores mostram como a destruição dos ideais presentes no início da modernidade dá espaço para o enaltecimento do animal laborans e fortalecimento de uma sociedade de consumidores, pautada no imediatismo

Tanto para Arendt como para Bauman, é evidente na modernidade a valorização do trabalho e a crença de, por meio deste, construir-se o futuro. A atividade humana de produção, portanto, está contida nesse conjunto de ideais da modernidade que são liquefeitos na contemporaneidade.

Hannah Arendt já alertava, em *A condição humana* para as consequências da substituição do homo faber pelo animal laborans. O labor, para a filósofa, consiste na atividade humana da manutenção da vida, isto é, as atividades para as constantes necessidades biológicas de sobrevivência do corpo. “Este ciclo é sustentado pelo consumo. [...] O labor e o consumo seguem-se tão de perto que quase chegam a constituir um único movimento” (ARENDT, 2007, p. 110)

Desse modo a efetivação do animal laborans é a efetivação de um homem meramente consumidor. Uma característica considerável do labor - e consequentemente do consumo - é a sua realização em âmbito privado. Logo, uma sociedade que se estruture por esse elemento, torna-se uma sociedade individualista, o que, em si é um paradoxo.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

É essa sociedade consumista e individualizada que Bauman constata em suas obras. E o trabalho constitui um espaço privilegiado para a observação desse fenômeno. O trabalhador pós-moderno, abandona o projeto de “obtenção e constituição da segurança social ontológica clássica, via trabalho” (CHAVES, 2006, p. 136) e abraça o ideal de satisfação pessoal e imediata, possibilitada pelo consumo.

Deste modo, Baumam como Arendt, nota a descaracterização do homo faber.

A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto a necessidade e desejos estéticos do consumidor que procura sensações e coleciona experiências (BAUMAN, 2001, p.161).

Aprofundando-se na reflexão de Hannah Arendt, pode-se perceber nesse elemento uma consequência: a extinção do homo faber é a extinção do mundo.⁴²³

A importância de um mundo construído pelo homem pode ser percebida, como observa Arendt, a partir da diferença que existe entre chegar a um mundo que é morada dos homens - um mundo permanente que sobrevive ‘ao advento e à partida das gerações’ – e chegar à terra como participante da recorrência do ciclo vital – submetido à inconstância dos processos naturais. Sem um mundo para se chegar e para dele partir, nascimento e morte perdem o sentido existencial que tem para o homem: do ponto de vista da espécie interessa, apenas, a reposição constante dos seus membros. (WAGNER, 2002, p. 161)

Se Arendt definia o trabalho como um constitutivo da condição humana, de importância notável, já que seu fruto durável constitui o mundo-do-homem, espaço

⁴²³ Para Arendt, mundo difere-se de natureza. O mundo “é uma construção dos homens [...] espaço no qual estabelecem relações entre si e entre eles próprios e os objetos que fabricam” (WAGNER, 2002, p.48).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da constância, da certeza e da familiaridade, na obra de Bauman se percebe que na contemporaneidade ocorre uma desfiguração do sentido do trabalho, como assinala Chaves em sua pesquisa:

as análises de Bauman afirmam a perda da centralidade e da eficiência, pois, para ele, o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro para fixar autodefinições, identidades e projetos de vida, da mesma forma que não pode ser concebido descuidadamente como fundamento das relações sociais ou como eixo ético da vida industrial. (2006, p. 136)

Dessa forma, o trabalho constitui-se como um dos elementos em que começa a se desfazer os ideais utópicos da modernidade firmando a identidade volátil e individualista do homem na modernidade líquida.

CONCLUSÕES

Esses autores proporcionam, sobretudo, pensar o contexto social da humanidade a partir do século XX. Dentro da perspectiva social da atividade humana, sobretudo a atividade do trabalho, os autores apresentam uma mudança paradigmática ocorrida dos meados ao final do século XX. Essa mudança refere-se especialmente à destruição do sentido da atividade humana do trabalho ao longo da história.

Arendt, numa reflexão mais erudita, percebe como o Trabalho, antes visto como uma atividade orientada para um fim vai perdendo força para o imediatismo do labor. Essas mudanças apontadas por Arendt estão em consonância com as percepções do sociólogo Bauman em sua obra Modernidade líquida que destaca de forma marcante o individualismo presente no mundo do trabalho e a consequente supervalorização do consumo.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A reflexão sobre o atual estado social da questão do trabalho, partindo de Bauman, de Arendt ou dialogando com os dois, favorece melhor entendimento da sociedade contemporânea, ou como pretendia Arendt, faz com que pelo menos parássemos para pensar e refletir “o que estamos fazendo” (2007, p.13), o que já seria muito significativo para um tempo em que se nega o ócio e se desfaz o espaço do debate público.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. Trabalho, obra e ação. In: **Cadernos de ética e filosofia política**. nº. 7, fev. 2005, p. 175-201.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BODEI, Remo. **A filosofia do século XX**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- CHAVES, Luiz. O velho mundo novo do trabalho: concepção e abordagem em Ulrick Beck e Zygmunt Bauman. In: **Revista Emtese**. Vol. 2, nº 2, ago-dez. 2006, p. 127-141.
- MAGALHÃES, Theresa Calvet de. A Atividade Humana do Trabalho [Labor] em Hannah Arendt. In: **Revista Ética e Filosofia política**. Vol. 9, nº 1, jun. 2006, p. 1-53.
- WAGNER, Eugênia Sales. **Hannah Arendt e Karl Marx: o mundo do trabalho**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.